

## Entrevista com a escritora Claire Varin

Maria Rennally Soares da SILVA\*  
Sinara de Oliveira BRANCO\*\*

171

### 1) Claire Varin, a respeito da sua experiência como tradutora, como você começou a traduzir? E como chegou à língua portuguesa?

Bom, tudo começou porque eu li em francês uma tradução de um texto de Clarice Lispector, uma novela, o quinto romance dela, *A paixão segundo GH*, lá no Canadá, no Quebec, e aí eu pensei *oh là, là!*, não fui eu que escrevi isso, se eu fosse escrever ficção, eu escreveria assim, eu gostaria, seria o meu ideal. Então foi tão forte o choque e fui tomada a tal ponto, que eu resolvi aprender português, fazer uma tese de doutorado sobre a obra de Clarice Lispector e morar no Brasil; deixar tudo e ir morar no Brasil. Então eu aprendi a base da língua lá na universidade de Montreal, com uma mineira, Aparecida de Almeida, uma doutora em linguística, muito boa professora, que ainda leciona lá em três universidades de Montreal. E eu tinha muita dedicação, muita motivação, porque eu sabia que ia vir pra cá sozinha e que eu tinha que me virar na vida, no Brasil, na grande cidade, nos trópicos, enfim, muito diferente do meu (país). Então, foi assim, eu fiz duas sessões de língua com ela, e eu fui a melhor aluna dela! (risos) A mais dedicada, a mais motivada! Porque eu tinha que ler a obra toda de Clarice Lispector no original e viver aqui, então, pra pegar o ritmo da língua bem corretamente, eu me tranquei no laboratório de língua e fui escutando fitas em português. Enfim, eu peguei o ritmo do português, pra colocar os acentos tônicos nos *bons lugares*, porque o francês é sempre na última sílaba e, aprendendo, não é? (Como em) sílaba, vento,

\* Graduanda em Letras Língua Francesa e Literaturas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [rennally.fr@hotmail.com](mailto:rennally.fr@hotmail.com).

\*\* Professora Doutora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande onde atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Pós-LE). E-mail: [sinarabranco@gmail.com](mailto:sinarabranco@gmail.com).

enfim... E, então foi assim. E depois eu cheguei ao Rio de Janeiro num dia de janeiro de 1983, pra fazer as minhas pesquisas sobre Clarice Lispector. E, foi assim que eu fui traduzindo o país, também, porque a tradução é isso também, é a tradução de um país. E eu fui aprendendo a língua e adquirindo vocabulário com muitos bons professores, que não sabiam que estavam agindo como professores, porque eram escritores com quem eu conversava, e eles tinham um domínio muito bom da língua, mas eram amigos de Clarice Lispector; escritores e amigos. Então, foi assim que eu fui começando a fazer a... *maîtriser la langue*, comecei a domar a língua; dominar e domar a língua. Então, aí eu não traduzia de fato ainda, mas isso veio depois de ter adquirido um conhecimento bom da língua, depois de ter lido todos os textos dela em francês e quando estava na hora de escrever a tese, aí é que eu fui traduzindo trechos... e traduzia trechos, mesmo se os livros tinham sido traduzidos, muitos deles... – não muitos, na época... aliás, não muitos, três ou quatro só, em vinte. Mas, mesmos os traduzidos, eu ia aposentar as minhas próprias traduções, porque eu não gostava das traduções feitas na França. Eu achava que... bom, enfim, cada tradutor que refazer as traduções, de qualquer forma. Mas eu achava as traduções “afrancesadas” demais. E, é isso.

**2) E esse texto que você leu inicialmente de Clarice, como ele chegou até você? Foi em alguma aula na universidade?**

Não, foi uma professora da Universidade de Paris 8, eu acho, Vincent – Paris 8 talvez, enfim, uma universidade lá de Paris, Hélène Cixous, que era escritora, também, e que acabava de descobrir Clarice Lispector por via de uma aluna dela, que fazia doutorado sobre *A paixão segundo GH* e que era também tradutora pra editora das mulheres lá na França, de livros de Clarice Lispector, já tinha traduzido *Água viva* e *Perto do coração selvagem*, então, brasileira muito fiel ao português, então as traduções dela eram muito literais, mas pelo menos dava pra quase ler o original, de tão literais que eram as traduções. E foi isso que a Hélène Cixous leu e gostou demais, ficou deslumbrada com a obra dela, e foi convidada para dar palestras lá na minha terra, no Quebec, e deu uma palestra muito interessante sobre Clarice Lispector e Rainer Maria Rilke, falando em poesia e política: *poesia é política e poesia ou política*, o título da palestra jogava com essas duas orações. E me deu muita vontade de ler *A paixão*

*segundo GH*, que eu fui logo encomendar na livraria, porque não se encontrava os livros de Clarice Lispector por lá, mesmo traduzidos em francês, lá nas livrarias do Quebec.

### **3) Enquanto escritora, você busca inspiração no estilo um pouco mais intimista da Clarice Lispector, ou você procura seguir o seu estilo próprio?**

A Clarice Lispector foi pra mim como um trampolim, sabe, porque foi um modelo de escritora. Eu fiz o meu mestrado e eu estava à procura de uma escritora que fosse me... com a qual eu podia me identificar; e eu não achava. Tinha muito boas escritoras lá, clássicas, que eu achava boas, mas não me pegava, eu não ficava tomada por pela obra delas. Então eu estava à procura de alguém, alguma coisa. E quando Clarice Lispector chegou então, foi assim... era ela... um modelo pra mim; modelo perfeito de escritora que ia no fundo nas coisas, intensa, intimista, coisas que me interessavam mais, o mundo interior; a interioridade e a espiritualidade dela no sentido largo, sem religião. Uma espécie de mística sem seita. Então, isso eu gostava demais, me identifiquei muito com isso – muitíssimo.

Mas eu não sou imitadora não (risos)! Não faz o meu gênero. Então, ela me deu a força pra ousar a escrever minhas coisas, minhas loucuras, meus devaneios... mas não eram devaneios... pra mim era uma outra realidade. Porque a realidade é muito vasta, tem muitas camadas, então era isso que eu estava tentando fazer, atravessar as camadas... Estou ainda tentando (rs). Tenho tentado. Atravessei algumas, mas tem ainda muitas camadas, tem muito caminho pela frente.

### **4) Você acha que teria como classificar o seu estilo literário, ou não?**

Acho que não é o autor que classifica seu próprio trabalho, eu acho que são os outros que podem melhor fazer isso. O autor não gosta de classificação, no geral. Eu detesto classificação, é por isso que eu nunca me detive em gênero, nessas coisas, em... sei lá, tudo que eles ensinam nas universidades (risos)! Tem que ensinar, não é? Mas eu estava procurando outros caminhos não teóricos. Se eu falar que escrevi contos fantásticos, quem não gosta do fantástico, não vai ler. E, de fato, não são contos

fantásticos, pra mim não são. Então, eu acho que não adianta muito classificar o seu próprio trabalho.

**5) Em sua opinião, como as pessoas veem a profissão de tradutor atualmente? Quais os principais desafios enfrentados pelo profissional de tradução hoje em dia?**

Eu acho que as pessoas não sabem até que ponto não é fácil traduzir, que é um trabalho tão meticuloso, tem que ser um pouco um “monge” pra fazer tradução literária. É muito difícil, é muito mal pago, em relação à quantidade de trabalho que se pede, e eu acho que também não está sendo muito considerado. Eu acho que quando você é autor, você recebe muito mais consideração do que quando você é tradutor. E, no entanto, eu acho que traduzir é uma coisa fantástica, interessantíssima, abre muito a mente, é uma bênção, a tradução. E os povos precisam de tradução. Aliás, muitas das guerras acontecem por causa de equívocos em interpretar a palavra do outro. Mesmo na própria língua, é a tradução interna e, entre os povos. Eu acho que muita coisa acontece por falta de entendimento da língua do outro. Da língua-espírito do outro, sobretudo, porque na língua tem o espírito; somos muito diferentes, você é muito diferente em francês do que em português, você torna-se outra pessoa, até. Seu comportamento vai mudando, conforme a língua que você fala e isso eu pude ver, isso, pra mim e pros outros também. Quando passavam de uma língua pra outra.

E os desafios, não sei. Eu teria que pensar... Quem pode falar em desafios da tradução seriam os tradutores profissionais. Eu não sou nem... eu não me classifico nem tradutora profissional e nem escritora profissional. Eu gosto muito de tradução, eu faço como uma amadora, mas... não, amadora, não... eu não chego a ser amadora, mas... que ama; amador no sentido original da palavra, como quem ama, gosta de fazer. Quando me pedem... por exemplo, eu estou agora traduzindo um autor baiano, porque uma colega escritora, poeta me pediu pra fazer o trabalho com ela. Então eu li um pouco dos contos do Aleilton Fonseca e gostei, achei leve, bem-humorado, então eu pensei: ah, vamos lá fazer! Ele tão simpático... gostei.

**6) Você utiliza alguma ferramenta de auxílio à tradução? Você acha que a tecnologia pode ser uma ferramenta eficaz?**

Eu gostei muito de ver até que ponto ajuda, a internet ajuda muito, porque tem vários dicionários de línguas na internet. Porque eu estava em casa com aquele Aurélio e mais um – dois, três dicionários. Mas a língua é viva, ela muda, então, com os dicionários na internet, mesmo colocando a palavra no *Google*, por exemplo, no modo de pesquisa, colocando uma expressão em português, você logo vê se ela é usada ou não, então é muito bom, isso é um “a mais”, é ainda mais útil do que um dicionário, porque você sabe se a formulação existe já, ou se é invenção do autor colocar essas palavras juntas. Então, é muito bom, sobretudo quando você está longe. Quando você vem do país, tudo bem, você pode, inclusive como eu fiz agora, falar com o autor e rever o manuscrito com o autor, o que é muito bom, mas antes disso você tem que fazer uma versão, então, a internet ajuda muito. Me ajudou muito.

**(Entrevistador) Às vezes atrapalha um pouco, não é? Por exemplo, com o uso demasiado do tradutor online.**

Eu não uso tradutor online por frases; nunca. Nem penso em fazer isso por saber que uma máquina não pode fazer o trabalho que o tradutor vai fazer. Mas só para ter uma ideia do que significa tal palavra nova que é usada na língua falada, aqui, hoje em dia, é um meio, quando você está fora do país. Então, não se pode confiar nunca completamente na Internet; é só uma ajuda.

**7) Você veio para o Brasil com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional, que busca favorecer a visibilidade de autores brasileiros no exterior. Como você vê a recepção das traduções de obras brasileiras na realidade canadense?**

Não houve muitas traduções em francês, de obras do Brasil no Quebec, inclusive porque você sabe que a quantidade de leitores francófonos no Quebec é mínima em relação aos leitores da França. Na França eu fico admirada, até, quanto tem coisas que se passam... por exemplo, atividades envolvendo o Brasil, artistas brasileiros, e a quantidade de traduções feitas em francês de obras brasileiras, mas no Quebec ainda

tem muitas coisas para serem feitas. Estamos muito no início... fizemos um... Por exemplo, eu falei na oficina de tradução da qual você participa, já falei num livro que se chama travessias, que o projeto foi dirigido por um professor baiano da universidade de Feira de Santana, e uma professora da universidade de Ottawa, e escolheram quatro autores da Bahia e quatro do Quebec, em um livro bilíngue, então, foram traduzidos por portugueses francófonos e os baianos, em francês. E também com textos comentando... Cada autor tinha que comentar o texto do outro país e isso eu acho que nunca tinha sido feito lá no Quebec, essa é uma publicação de um livro bilíngue em português/francês. Então, ainda tem muitas coisas que podem ser feitas.

### **8) Claire, o que não pode faltar em sua mesa de trabalho?**

Um gato! (risos) Um, dois ou três, porque eu tenho cinco! Livros, dicionários (claro que tem), um computador... uma lâmpada boa, um copo de água, chá, eu acho que está bom, não é? (risos) Dossiês! Tem um monte de dossiês!

### **9) O que você lê, além dos livros que traduz? Qual é o livro do momento para você?**

Eu recomendaria... eu li recentemente o livro do Romain Gary, que é um livro fantástico que certamente foi traduzido no Brasil, *c'est "La promesse de l'aube"*, A promessa da alvorada. E tem a Clarice sempre, porque estou também trabalhando agora uma tradução de uma adaptação para o teatro de *A paixão segundo GH*, sugeri uma atriz brasileira que mora em Paris, a Gabriela Scherer, fazer uma adaptação, porque ela já fez de *Água viva*. Eu já me encontrei com ela num colóquio em que eu a vi em Paris em 2011 e, naquela ocasião, ela encenou *Água viva* no palco. Foi muito bom, ela é muito boa e estamos fazendo esse projeto juntas. Então, *A paixão segundo GH* é um grande livro, *Água Viva* também, a ler e reler... E tem uma clássica do Quebec, de Gabrielle Roy, um livro muito bonito, *La détresse et l'enchantement*. São esses livros que, digamos que eu tenho na mente quando você me pergunta.

### **10) O que você diria para quem admira ou quer começar a exercer essa profissão de tradutor?**

Amar a língua. Tem que amar a língua. Sentir alguma coisa pela língua, senão não adianta, senão fica uma coisa mecânica, tem que ser “amador” primeiro (risos)! Antes de ser profissional, amar. Acho que o amor serve pra tudo!

### **11) Claire Varin por Claire Varin... Como é que você se define?**

Eu acho que nós somos muito mais do que o nosso consciente, do que nosso inconsciente. Somos muito mais do que isso. Não vou me definir como você espera que eu vá me definir, eu não vou fazer isso, porque isso é muito limitado e essa questão de personalidade é uma parte mínima da gente, não é por acaso que estou lendo Clarice Lispector (risos). Tem que ir além da psicologia, porque a psicologia é uma coisa muito superficial – vamos dizer, superficial, que fica na superfície. Um pouquinho além, mas, temos que ir muito mais longe do que isso, buscando o que faz, justamente, com que eu seja como você, o que faz com que a gente seja unida além das personalidades.

### **Agradecimentos:**

Eu queria agradecer pela atenção, pela disponibilidade e pelas contribuições que você tem trazido para nós, da UFCG. Em nome das professoras Sinara Branco, Josilene Pinheiro-Mariz, e de todos os participantes da Oficina de tradução, eu gostaria de lhe dar um abraço... Muito sucesso, muita paz, acima de tudo, muito amor, Deus abençoe!